
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

“A VINGANÇA DE UM RECRUTA”: A GUERRA DO PARAGUAI CONTADA POR UM BAIANO VOLUNTÁRIO

Patrícia Munhoz (UNESP/Assis)
patypur@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo analisar uma das cinco narrativas do longínquo e esquecido livro do Visconde de Taunay, *Narrativas Militares* (1878), a partir do fato histórico da Guerra do Paraguai: seja nos dilemas íntimos vivenciados pelos personagens, seja nos embates políticos apontados como pano de fundo desse processo histórico e nas relações sociais que se estabelecem em tempos bélicos. Trata-se de “A Vingança de um Recruta”, cujo personagem principal é um baiano que, de maneira cômica, desfaz o mito dos voluntários da pátria, revelando um sistema militar injusto e ineficaz.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra do Paraguai; Taunay; militarismo.

A narrativa a ser analisada a seguir intitula-se “A Vingança de um recruta” e é constituída de 85 páginas nas quais, à medida que as lemos, sentimo-nos instados a participar da história, já que somos impulsionados a tomar partido, desejando este ou aquele final. A história é narrada em primeira pessoa, o que é interessante se considerarmos os efeitos que o Visconde extrai dessa limitação: ela é contada por alguém cujo acesso à informação é limitado por circunstâncias geográficas, exemplar portanto da maior parte da população brasileira da época correspondente à Guerra contra o Paraguai (metade final da década de 1860), habitante em regiões afastadas da então Corte do Rio de Janeiro.

Trata-se de um jovem baiano, o único filho homem de uma viúva, o qual levava uma vida sossegada em Itapororocas, perto de Feira de Santana, um lugar muito calmo, onde as notícias chegavam um tanto devagar. Assim, ficou sabendo do fato que o impulsionou a deixar o sossego do lar, pelo que lhe contavam ou pelo que lhe liam nos jornais: que os paraguaios tinham entrado pelo Brasil adentro do lado do Mato Grosso e lá matavam velhos, mulheres, crianças, queimavam pessoas vivas, degolavam enfermos, dentre outras atrocidades.

A partir desse relato, pode-se avaliar o tipo de imagem da guerra que chegava para a maior parte da população brasileira, ou seja, o de que os paraguaios desencadearam a tragédia que marcou a história da América do Sul. Tônico, o protagonista, representa, nesse sentido, o povo distante da política e das decisões que eram tomadas no país, o que facilitava a manipulação dessa população menos informada por parte da minoria que comandava.

Ele inicia sua história expondo o quanto é difícil participar de uma guerra, principalmente quando se é submisso e se tem de obedecer às ordens dadas: “Cruz, minha Nossa Senhora da Puríssima Conceição! Vida de recruta é pior que de cachorro magro e sem dono” (75)¹. Em seguida, refere-se ao conflito pelo qual passou até chegar à dolorosa decisão de deixar sua mãe, sendo ele a única figura masculina da casa. Este momento conflituoso vivido pelo personagem acontece principalmente quando ele percorre o trajeto que o leva de Feira de Santana, povoado mais próximo de onde recebe as notícias da guerra, até o sítio onde mora, demonstrando que, de uma certa forma, a guerra já havia começado para ele: “mas depois, aos poucos, fui me possuindo, me enraivando, e quando do povoado voltava para o sítio, vinha com os ouvidos numa zoeira e a cara em fogo” (78). E logo a seguir: “Entre a parafusar cá comigo e pelo caminho todo fui *batalhando* com o pensamento; vou ou não vou?” (81, o grifo é nosso).

Aqui estamos diante de um primeiro dilema vivido pelo personagem, que tem de decidir entre servir o país ou ficar com a mãe para cuidar da casa. Por um lado, a figura materna era muito representativa até então em sua vida; por outro, uma nova imagem de pátria é construída, o que o leva a querer representá-la como bom cristão e baiano que admitia ser, sugerindo dessa maneira a idéia de boa índole e patriotismo. Tal dilema sugere o confronto que se deu neste momento histórico entre duas instituições diante das quais a escolha era algo inevitável, determinando o abandono conseqüente da outra: a família e a pátria.

Outro argumento do qual ele se vale para também justificar sua decisão por participar da guerra, é que o próprio Imperador tivera a mesma iniciativa. O narrador faz diversos comentários, a fim de defender a Monarquia e a figura de D. Pedro II: “Oh! a coisa era séria, tão séria que o Imperador, o próprio Imperador, tinha saído de seus paços e da Corte, deixando cômodos, famílias, negócios do Estado e o mais, para correr em socorro de outra província atacada, inválida e estraçalhada!” (81). Ele também interfere quando alguns homens pedem para que os voluntários voltem republicanos dos combates. E diante de tal sugestão, surge sua resposta: “Ora, essa só lembra o diabo! Se íamos dar a vida pelo Império...” (91).

Narrando a viagem dos voluntários saídos da Bahia e as dificuldades pelas quais passaram, aproveita para relatar a apresentação do Imperador àqueles futuros combatentes. Notamos, na passagem a seguir, com que bons olhos o narrador via o monarca. Como se sabe, principalmente pelos relatos em suas *Memórias*, Taunay sempre manifestou seu apreço pela Monarquia, sobretudo pela figura do imperador, a quem fez inúmeras referências: “Naquela mesma hora pulou a bordo Sua Majestade, o Im-

¹ Nota bene: as referências à obra de Taunay (1878) serão feitas apenas com o número das páginas.

perador. Quando vi chegando aquele homenzarrão, senti um estremecimento grande, porque, se somos livres, e já se acabou o tempo da tirania e dos capitães gerais, também somos monarquistas. E demais, ele é muito boa pessoa e sabe ser brasileiro às direitas” (94).

Essa narrativa aborda um tema até hoje polêmico: o mito dos voluntários da pátria, sobre o qual discorreram Ricardo Salles (1990), J. J. Chiavenato (1939) e Vitor Izecksohn (2004), que nos ajudarão em nossa reflexão. Nas páginas iniciais, o narrador já introduz o assunto: “Melhormente que eu, sabem todos vocês como foi aquela história de voluntários da pátria. Parecia que no Brasil se levantava um furacão tão forte que sacudia os homens mais pacatos das comodidades da vida e num redemoinho os pinchava para terras que quase ninguém conhecia, nem sequer de nome” (76).

Tal euforia parecia brotar das promessas feitas àqueles que se dispusessem a lutar com empenho durante a guerra. Como afirma o narrador, o governo “prometia mundos e fundos, moeda de prata e ouro, honrarias, empregos, mil coisas em suma e a um tempo; só faltava dizer que quem de pronto se apresentasse, acabada a guerra, havia de ser comendador ou barão” (81). Além disso, ofereciam desde dinheiro até pensão às famílias, caso acontecesse alguma desgraça. Ainda segundo o narrador, “o governo e o Imperador pediam mais e mais, dizendo que o inimigo era muito, que ninguém tinha contado com tanto, e mais isto e mais aquilo, enfim um nunca acabar” (80). Ricardo Salles transcreve algumas vantagens do decreto que criava os corpos de Voluntários da Pátria (de 7 de janeiro de 1865), o que documenta o que é narrado pelo personagem principal do texto:

Art. 2º. Os voluntários que não forem Guardas Nacionais terão, além do soldo que recebem os voluntários do Exército, mais 300 réis diários e a gratificação de 300\$000, quando derem baixa, e prazo de terra de 22.500 braças quadradas nas colônias militares ou agrícolas, além de outras honrarias militares e pensão por invalidez ou morte.

Art. 3º. Os Guardas Nacionais, praças de pré, que se apresentarem, serão alistados na primeira linha com as mesmas vantagens do artigo 2º, passando nos postos que tiverem nos Corpos da mesma Guarda, a que pertencem.

[...]

Art. 9º. Os Voluntários terão direito aos empregos públicos de preferência, em igualdade de habilitações, a quaisquer outros indivíduos. (1990: 82)

Assim, para muitos homens até então classificados como incapazes de participar das decisões políticas do país, tais promessas eram o único meio de alcançarem alguns benefícios durante suas vidas. São chamados a defender um Império do qual não participavam, uma luta que não haviam travado, uma guerra que, na verdade, não lhes pertencia.

E esse clima de entusiasmo não se restringe às promessas, mas se estende até o momento da recepção e do embarque de tais homens, o que classificavam de *bota-fora*. Muitos vinham cumprimentá-los, gritando e dando vivas por saberem que esta-

riam protegidos à custa deles. O mais interessante, porém, é perceber o modo como algumas autoridades comungavam desse sentimento de entusiasmo que era preciso incutir na alma desses voluntários: “Muitos capitalistas e pessoas de gravata lavada vinham apertar-me a mão, saber minha graça, indagar de meus negócios particulares, que eu não tinha, querendo ainda mais pagar-me hotel e cerveja e agasalhar-me em suas casas” (89).

No entanto, esse ardor modifica-se completamente com o prosseguimento da guerra e então poderemos retornar ao primeiro parágrafo da narrativa, quando Tônico afirma que vida de recruta “é pior que de cachorro magro e sem dono”. É o que também afirma Victor Izecksohn: “Com o prolongamento da luta e as muitas dificuldades, o estado de espírito foi mudando.” (2004: 31).

Os reveses tiveram início já na viagem, pois as condições de transporte eram péssimas: moléstias a bordo, poucos víveres e muito serviço. Por essa razão, muitos rapazes se arrependeram das *patriotadas*, mas não havia mais o que fazer. O único remédio era acatar as ordens e cumprir os deveres da vida militar. O narrador também afirma que o cotidiano dos soldados no ambiente bélico (desde o seu aspecto externo até aquilo que está guardado no interior de cada um, configurando *batalhas* (= conflitos) que se dão tanto interna quanto externamente) é algo bem diferente do que era imaginado por eles: “Qualquer coisinha levava a gente para dentro do xadrez, quando não era faxina dobrada, ou correr duas horas a marche-marche com a mochila cheia de areia ou fazer sentinela de sarilho de armas às costas. Chegou-se até a falar em quadrado e espada de prancha. Cruz!” (95-96).

Essa idéia de castigo pode ser vista como um dos fundamentos militares, o que evitava até certo ponto que muitos soldados se rebelassem contra as ordens recebidas. Em outro momento, o narrador cita um episódio em que um soldado leva muitas pranchadas dos oficiais e sargentos por não lutar como esperavam. E a ocorrência de tentativas de rebeldia encontra respaldo na historiografia, pois Salles comenta os freqüentes atos de insubordinação: “Os ataques a oficiais ocorriam com constância e pelos mais variados motivos: defesa contra maus-tratos, reações a perseguições, vingança, roubo. O fato é que a punição era a peça chave para a manutenção da coesão e da ordem no exército” (1990: 147).

Como se verá a seguir, tal aspecto da história da guerra constitui o fundamento da trama do conto. O drama se concentra no relacionamento conturbado entre o narrador, Tônico, e seu superior, o sargento Marçal. Aquele, após os primeiros contatos, já cultivava uma certa antipatia em relação a este: “Hei de vencer este sargento de uma figa! — dizia eu para me dar coragem” (109).

E essa conversa consiste implicitamente em uma crítica às injustiças do sistema militar vigente, uma vez que há uma denúncia flagrante do favorecimento para se obter alguma promoção. Marçal se considera azarado por não poder contar com um parente político que jamais o apoiara para ser promovido. O sargento, que era um homem responsável, sempre cumprindo seu dever, contempla constantemente proteções e escândalos, sem nunca conseguir a promoção tão esperada: “sangra o coração ter de cumprimentar uns alferезinhos que ganharam seus postos por muita bajulação ou por serem filhos e filhotes de ricos e bons padrinhos!” (137).

Para solucionar o problema, Santos, o brigada com quem conversa, diz que “é muito bom ter direito... mas certo jeitinho pode muito” e ter um “modozinho não é adular ninguém” (136). Observamos aqui o uso pejorativo do diminutivo, que constata a expressão até hoje utilizada: *jeitinho brasileiro*. E o *jeitinho* sugerido por Santos é procurar um político, pois, segundo ele, tais homens gostam de fazer favores só para mostrarem que têm influência. A partir desse momento, movido pelos termos da conversa que ouvira, Tônico passa a construir uma nova imagem daquele sargento que até o momento lhe parecia tão austero. Seus traços já não são mais de maldade; pelo contrário, é apenas um desventurado: “Coitado! é um caráter às direitas: sabe o que vale e padece injustiças e malquerença. Deus lhe dê paciência para aturar tanto caiporismo” (141)

Entretanto, essa imagem digna de dó é bruscamente invertida, já que o narrador, depois de ouvir essa conversa confidencial do seu sargento, acaba por ser ferido pelo próprio Marçal, muito mais do que no corpo, na alma: “Foi uma varada que me cortou o rosto [...] – Saia já daqui, urrou Marçal, raspe-se... senão leva outra” (109).

O recruta ofendido passa por uma luta interior entre o princípio moral representado pela voz da Mãe, que ressoa em seu ouvido para ser um “soldado valente”, e a circunstância momentânea representada pela voz do espírito, que o instiga a matar seu ofensor e que acaba por vencer: “o maligno cantou vitória” (146). E aqui contemplamos, mais uma vez, duas alegorias representando dois possíveis caminhos que o recruta poderia seguir. O primeiro, que lhe provoca um alívio momentâneo, é pensar na possibilidade de matar aquele que tanto o ofendera. Outro, porém, lhe vem ao contemplar a figura materna, que lhe trazia consolo e tentava convencê-lo a abandonar a decisão tomada.

Uma grande batalha rompe no dia 02 de maio, e é justamente neste momento que Tônico tem a oportunidade de cumprir o que a si mesmo prometera, uma vez que se encontra sozinho com seu superior fortemente ferido, tendo, desta forma, meios para matá-lo sem qualquer constrangimento. Mas pelos fortes princípios cristãos que sempre nortearam sua existência, vive definitivamente um conflito interior que deve ser resolvido pela decisão que tomar. Em seus pensamentos, certamente sobrevém a recomendação que sua mãe lhe faz antes de sair em combate: “quem cumpre sua obrigação, tem sempre Deus por si” (87).

Diante desses dois possíveis caminhos, sobressai a imagem do sargento, com “peito de ferro, alma de bronze” (154), que se derrama em lágrimas por sentir que a

morte o rodeia. A partir dessa imagem, observamos que os valores cristãos vibram com mais vigor no interior de Tônico, o que o leva a enxergar e descrever aquele que tanto lhe ofendera sob um novo ângulo: “Aquele sargento que, algumas horas antes, era para mim pior que satanás, parecia-me agora um amigo de muitos anos, um parente, um irmão quase” (155).

Orientado por essa nova imagem, decide que salvar aquele homem, agora quase seu irmão, seria sua vingança. Atribui essa coragem à força do espírito de Deus que “sopra dobrada valentia ao coração” (155), quando alguém decide praticar uma boa atitude. Daí a possibilidade de afirmar que o desfecho é moralizante, pois, após ter sido testada sua consciência moral, numa inversão de expectativa, o jovem é capaz de decidir após vários momentos de luta. A respeito deste tipo de conflito moral, Marilena Chauí afirma:

Nossas dúvidas quanto à decisão a tomar não só manifestam nosso senso moral, mas também põem à prova nossa consciência moral, pois exigem que decidamos o que fazer, que justifiquemos para nós mesmos e para os outros as razões de nossas decisões e que assumamos todas as conseqüências delas, porque somos responsáveis por nossas opções. (2003: 335)

Após esta atitude, o filho único da viúva recebe todas as condecorações dignas de um bom e valente recruta voluntário: “Também o tal capitão estendeu-me na parte com muitos palanfrórios, e lá apareci no Brasil como um bravo assim e assado, um homem nunca visto, um herói, como chamam os amigos doutorecos” (158).

Por outro lado, podemos ler tal narrativa a partir de uma perspectiva mais *cultural*, se assim podemos caracterizá-la. Trata-se dos implícitos que sugerem a visão discriminadora acerca das diferenças regionais entre o Norte e o Sul, as quais ainda persistem em nossa sociedade. Percebemos o preconceito do sul em relação à parte norte de nosso país, já que muitos soldados dessa região, desabitoados à alimentação e ao frio, padeciam por várias doenças. Daí Dionísio Cerqueira transcrever um ditado popular utilizado pelos gaúchos durante o conflito, os quais satirizavam as condições desfavoráveis a que eram submetidos, sobretudo os baianos: “Mandai, mãe de Deus, mais alguns dias de minuano para acabar com tudo o que é baiano” (1980: 72).

Não é por menos a escolha por parte de Taunay de um narrador baiano, que além de revelar hábitos, costumes e linguagem de um território desprezado pelo grande centro urbano, também se torna o *herói*, atribuição que Tônico acredita ser dada pelos que ele chama ironicamente de “amigos doutorecos”. E já no início da narrativa, lança um desafio, afirmando que se pusessem tais “doutorezinhos da corte do Rio de Janeiro” em combate, certamente não suportariam e “haviam de ficar tontos e assarapantados que nem morcegos ao meio-dia” (75).

Ainda podemos flagrar os olhos de viajante de Taunay nitidamente marcados nessa narrativa. Tônico, homem do interior, é quem se exalta diante da beleza da cidade do Rio de Janeiro sem, contudo, deixar de apreciar a sua terra. Portanto, o autor não se detém somente a revelar o interior do país, com suas *cen*as e *tipos*, mas também

apresentar detalhes do espaço considerado urbano, no caso, a Corte do Rio, ainda desconhecido para muitos sertanejos. Porém, revela uma sutil ironia ao afirmar:

No Rio de Janeiro... oh! Aquilo é que é cidade. Não quero, nem por sombra, desfazer na Bahia, que de tal não sou capaz, nem que me rachem de meio a meio, mas a Corte... é mais bonita, muito mais bonita. Também pudera! os homens que serram de cima lá se empoleiram e, à custa de favores e rios de dinheiro, fazem daquilo uma coisa imensa. Dessem a estátua do largo do Rocio à Bahia; a Misericórdia a Pernambuco; o Hospício de Pedro II à Paraíba; a Casa da Moeda ao Ceará, e veriam se o Norte não punha tudo num chinelo! (95)

A ironia advém dessa voz outra que se instala no discurso embevecido e que é capaz de ver criticamente as razões pelas quais tanta beleza se concentra no Rio de Janeiro.

Ainda sobre a descrição, podemos destacar os longos parágrafos nos quais ele se dedica a relatar a vida nos acampamentos, de modo a nos transmitir como era o cotidiano da tropa. É com admiração e entusiasmo que narra os inúmeros detalhes que não lhe escapam: “E depois um acampamento... Que coisa bonita! Que vida, que barulho, que movimento, que animação!” (125). Assim, parece montar o acampamento por meio de alguns recursos lingüísticos, principalmente pela enumeração e pelo uso anafórico do “que” e de frases exclamativas. Ele é capaz de nos fazer perceber como as coisas estão distribuídas no espaço, umas na frente, outras mais atrás, outras ainda no centro. Também usa algumas explicações que denotam essa preocupação com a disposição geográfica dos elementos que constituem o espaço: “vuelas tão bem alinhadas”, “terreno plano” e “dando companhia uma rua e metade de uma vuela” (125). Portanto, nesse primeiro parágrafo no qual descreve o acampamento, parece construir a imagem de um *mapa* ou de uma *planta* do local.

Já no segundo parágrafo, “em distância para trás e numa boa extensão”, enumera os “estados maiores”, ou seja, o quartel general, o transporte, o hospital e o comércio. Partindo desse último, mais genérico, ele caminha em direção ao que é mais específico, como alguém que vê do alto através de um binóculo, o que possibilita aproximar gradativamente o foco. É por isso que vai listar o que constituía o comércio:

é uma barafunda de toldos, ranchos de palha, casebres e casas de madeira, umas escuras e sujas como vendas da roça, outras luzidas e sortidas como lojas da rua do Ouvidor no Rio de Janeiro. E ali vende-se de tudo, e formiga gente, soldados, *gringos*, oficiais e generais, uns a pé, outros a cavalo, tocadores de realejos, harpas e rabecas, *chinas*, mascates; um mundo enfim que, falando todos ao mesmo tempo, levanta barulho capaz de pôr surda uma peça de artilharia de calibre 68. (125)

Também constatamos o uso de recursos sonoros na enumeração dos elementos constituintes do cenário. Ele menciona bandas de música, pelotões marchando, sinais de corneta, rufos de tambor, exercícios de fogo ou de tiro ao alvo, intrigas e

falatórios, gritos, gargalhadas, dentre outros elementos que emitem diversos tipos de som. E a partir disso já começa a nos transmitir a idéia de desorganização típica do acampamento, que foge do ritmo e do alinhamento apontados no início. São barracas montadas umas sobre as outras, sem condições mínimas de higiene, o que facilita o aparecimento de diversas doenças, conduzindo os enfermos ao hospital e dali “botando para o outro mundo” (127).

Percebe-se, nesse sentido, que esse movimento que ele faz é como o de alguém que presencia os momentos iniciais de montagem de um acampamento que se propõe organizado, principalmente em sua dimensão hierárquica, mas que se perde por falta de planejamento e condições. A maneira como o narrador descreve esse lugar, atravessado por circunstâncias naturais desfavoráveis, como a chuva, por exemplo, é atenuada pelo uso de frases que convertem a situação trágica em algo que se aproxima do cômico: “Se chovia, era então um inferno. O lameiro ficava de palmo e meio: a chuva atravessava tudo, e andávamos tontos, assim a modo de pintos pelados no coração do inverno, como aconteceu nas Palmas. Cruz, arrenego!” (127)

Como última observação a propósito da descrição, cabe lembrar que ela ocupa os parágrafos mais longos da narrativa, nos quais o ritmo da linguagem se impõe de forma diferenciada, o que não acontece em trechos narrativos. Taunay também se vale de recursos da oralidade, pois se utiliza de muitas expressões típicas da Bahia, para revelar essa região do Brasil desconhecida e desvalorizada nos grandes centros urbanos.

Se em *Inocência*, ele “temeu que a obra fosse incompreendida e encheu-a de notas de rodapé” (Pretti 1975: 101), não é o mesmo que acontece em “A vingança de um recruta”, pois em nenhum momento ele demonstra essa preocupação em acrescentar notas explicativas para o que registra lingüisticamente.

É importante destacar que Taunay explora o uso constante de interjeições típicas da região, de modo a caracterizar bem seu personagem-narrador: “Ué” (79); “— Qual, mas!” (98) “Ui!” (91); “Safa!” (Ibid.: 93); elas reafirmam no texto a marca de coloquialidade que lhe é característica. Do mesmo modo, emprega frases e provérbios próprios do lugar, o que, em certos momentos, também produz um efeito cômico: “Quanto ao filho do velho, andava fino como lã de cágado.” (96); ou ainda “Parece mesmo que a gente fica mais perrengue do que bicho gafento: tudo ataranta, tudo tonteia!...” (75).

Há, portanto, uma inversão nos valores, já que o destaque maior é dado a “um homem nunca visto” (como ele assim se classifica), que rouba a cena na narrativa, justamente por revelar boa índole e verdadeiro patriotismo, valores desconhecidos por parte daqueles que lançavam um olhar preconceituoso sobre a figura do sertanejo.

Mais uma vez vamos nos valer da importante reflexão de Ricardo Salles, para constatar que a “Bahia foi a segunda província a mais contribuir em termos de soldados para a guerra” (1990: 72). Por isso o narrador revela, ao longo do texto, que “a Bahia é terra de rapazes sacudidos” (75), ou ainda, ao descrever as belezas naturais da capital desse Estado, acrescenta: “A Bahia é dos baianos, sim, senhor! e temos defendido

aquela terra e havemos de defendê-la, custe o que custar, contra todos, contra bicudos e gentes da estranja ou sujeitinhos que queiram escravizar o nobre povo do 2 de julho” (90). Outro fato digno de nota é o elogio que o general Osório faz à tropa: “A gente do Norte deu sempre mui guapa infantaria” (121).

Constatamos, desse modo, o investimento por parte do autor em criar um narrador-personagem que representa uma parcela da população desconhecida e pouco respeitada em suas diferenças. Assim, torna-se evidente a preocupação do Visconde por mostrar um país pouco conhecido em sua diversidade cultural, na medida em que põe em cena alguns tipos sociais.

Taunay escrevia baseado na sua experiência e na sua vivência, o que imprime ao seu texto, por mais que seja ficcional, um caráter de veracidade. A Guerra do Paraguai se encerra em 1870 e, como se sabe, foi um dos conflitos mais cruentos da América Latina, embora a maioria da população não soubesse o que realmente acontecia. Portanto, o projeto de Taunay, como ele mesmo revela na citação abaixo é trazer à luz o que fora escondido, talvez para revelar o sistema militar injusto e ineficaz: “e como esse serviço de tão elevadas conseqüências não foi ainda devidamente reconhecido e aquilatado pela nação e pelo governo, no livro histórico ou no romance buscarei sempre trazê-lo à luz” (16).

OBRAS CITADAS

CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2003.

CHIAVENATTO, Júlio J. *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

IZECKSOHN, Vitor. Recrutas da pátria. *Revista Nossa história* (São Paulo) 2.13 (nov. 2004): 31.

PRETI, Dino. *Sociolingüística - os níveis de fala: um estudo sociolingüístico do diálogo na literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

TAUNAY, Alfredo d’Escragnolle. *Narrativas Militares: cenas e tipos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1878.

“A VINGANÇA DE UM RECRUTA”: THE WAR OF PARAGUAY TOLD BY A BAIANO VOLUNTEER

ABSTRACT: This study examines one of the five narratives of the distant and forgotten book of Visconde de Taunay, *Narrativas Militares* (1878), about the historical facts of the War of Paraguay: either in intimate dilemmas experienced by the characters, or in political conflicts appointed as backdrop of this historical process and in social relations that are established in times of war. It is “A Vingança de um Recruta” [The revenge of a recruit] whose main character came from Bahia that, comically, undoes the myth of patriotic volunteers, revealing as unfair and inefficient a military system.

KEYWORDS: War of Paraguay - Taunay - militarism.

Recebido em 30 de junho de 2011; aprovado em 5 de agosto de 2011.